

A Gazeta, 28/out/79 - domingo
 Caderno 2 - Página Aberta

X
**Para não
 citar Brecht**

A dissolução da forma objetiva em elementos basicamente nihilistas não é necessariamente a IV Mostra de Teatro da Ufes. Funcionou com dignidade nas obras de Joyce e da sua escola, por exemplo, como uma técnica da pura associação de idéias. Obteve resultados esperados em Musil, a "passividade ativa", a existência "sem qualidades". E esteve também, ainda que por caminhos inteiramente opostos em aparência, no "ato gratuito" de Gide que atribuiu às possibilidades abstratas uma pseudo-realização.

O teatro apresentado esta semana na Ufes, de maneira geral, pobre em recursos de produção, válido e extremamente importante sobretudo dentro do atual contexto político, desprezou a linguagem cênica (ou a utilizou com extrema pobreza). E o significado ideológico saiu perdendo. A movimentação abstrata de personagens que se locomoveram no palco obedecendo a significados vazios ou puramente formais, sem criarem imagens significantes, se colocou contra as palavras que foram pronunciadas. Portanto, se as palavras são verdadeiras, contra a verdade.

Ditas com uma atitude monolítica que encerra as melhores intenções mas se

traduz num permanente subtexto de indignação e revolta, todos os conceitos se tornaram uma coisa só — uma ladainha monótona onde atores de rosto crispado ingenuamente vomitavam frases em defesa da justiça e da liberdade. Esta confusa mística de protesto é a própria negação do que Roger Planchon vê como um verdadeiro teatro de protesto. A encenação implica num ato integral de responsabilidade. (Bete Rodrigues)

TE 180

Mostra de Teatro da UFES, IV - crítica